

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS E HUMANIDADES:

SABERES, PRÁTICAS E HORIZONTES DE INVESTIGAÇÃO

JESÚS RIVAS GUTIÉRREZ
(ORGANIZADOR)

VOL IV



**EDITORA
ARTEMIS**
2026

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS E HUMANIDADES:

SABERES, PRÁTICAS E HORIZONTES DE INVESTIGAÇÃO

JESÚS RIVAS GUTIÉRREZ
(ORGANIZADOR)

VOL IV



**EDITORA
ARTEMIS**
2026



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores.

Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizador	Prof. Dr. Jesús Rivas Gutiérrez
Imagem da Capa	gropgrop/123RF
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Dr. Cristo Ernesto Yáñez León – New Jersey Institute of Technology, Newark, NJ, Estados Unidos



Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha

Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, *Universidade Estadual do Maranhão*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, *Universidade Estadual do Ceará*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México

Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro*, Portugal

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, *Universidade de São Paulo (USP)*, Brasil

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, *Universidade Federal de Roraima*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México

Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste*, Argentina

Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha

Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay

Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México

Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal*, Canadá

Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha

Prof.^a Dr.^a Gabriela Gonçalves, *Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP)*, Portugal

Prof.^a Dr.^a Galina Gumovskaya – *Higher School of Economics*, Moscow, Russia

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, *Universidade Federal do Triângulo Mineiro*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina

Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina

Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, *Instituto Politécnico da Guarda*, Portugal

Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina

Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara*, México

Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg*, Suécia

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, *Universidade São Francisco*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru

Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina

Prof. Dr. Ivan Amaro, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, Brasil

Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, *Universidade Federal do Amazonas*, Brasil

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College*, Estados Unidos

Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha

Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, *Universidade de Évora*, Portugal

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, *UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros*, Brasil

Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México

Prof. Dr. José Cortez Godinez, *Universidad Autónoma de Baja California*, México

Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, *Instituto Politécnico Nacional*, México

Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha

Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia



Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo*, México

Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México

Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*, Brasil

Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, *Universidade Estadual Paulista (UNESP)*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Lúvia do Carmo, *Universidade Federal de Goiás*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Luciane Spanhol Bordignon, *Universidade de Passo Fundo*, Brasil

Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México

Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha

Prof.^a Dr.^a Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha

Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha

Prof. Dr. Manuel Simões, *Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto*, Portugal

Prof.^a Dr.^a Márcia de Souza Luz Freitas, *Universidade Federal de Itajubá*, Brasil

Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, *Universidade Estadual Paulista (UNESP)*, Brasil

Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, *Universidade Federal de Sergipe*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha

Prof.^a Dr.^a Margarida Márcia Fernandes Lima, *Universidade Federal de Ouro Preto*, Brasil

Prof.^a Dr.^a María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida José de Oliveira, *Universidade Federal da Bahia*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha

Prof.^a Dr.^a Maria da Luz Vale Dias – *Universidade de Coimbra*, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maria do Céu Caetano, *Universidade Nova de Lisboa*, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, *Universidade Federal do Maranhão*, Brasil

Prof.^a Dr.^a M^a Graça Pereira, *Universidade do Minho*, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maria Gracinda Carvalho Teixeira, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*, Brasil

Prof.^a Dr.^a María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara*, México

Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Pato, *Instituto Politécnico de Viseu*, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba

Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, *Universidade Federal de Lavras*, Brasil

Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, *Universidad del Pais Vasco*, Espanha

Prof.^a Dr.^a Ninfa María Rosas-García, *Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional*, México

Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, *Universidade Federal Fluminense*, Brasil

Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru

Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, *Universidade Federal de Lavras*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, *Universidade do Estado da Bahia*, Brasil

Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, *Universidade Federal do Pará*, Brasil

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, *Universidade Federal do Piauí*, Brasil

Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, *Universidade Federal do Piauí*, Brasil

Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, *Universidade Federal de Uberlândia*, Brasil

Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina

Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil

Prof.^a Dr.^a Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University*, Russia

Prof.^a Dr.^a Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha

Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal

Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal

Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil

Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil

Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León*, Espanha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências socialmente aplicáveis e humanidades [livro eletrônico] :
saberes, práticas e horizontes de investigação IV / organização
de Jesús Rivas Gutiérrez. – 1. ed. – Curitiba, PR : Editora
Artemis, 2026.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilingue

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81701-94-9

DOI 10.37572/EdArt_270326949

1. Sustentabilidade – Aspectos sociais. 2. Diversidade cultural.
3. Justiça social – Perspectivas contemporâneas. 4. Transformação
digital – Impactos sociais. 5. Humanidades aplicadas – Pesquisa
interdisciplinar. I. Gutiérrez, Jesús Rivas.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

El Volumen IV de la colección ***Ciencias Socialmente Aplicables y Humanidades: Saberes, Prácticas y Horizontes de Investigación*** amplía el diálogo político e interdisciplinario al reunir estudios que exploran las relaciones entre economía, cultura, sociedad, territorio y dinámicas contemporáneas, ofreciendo una visión plural y crítica de las transformaciones sociales en distintos momentos y contextos.

El primer eje, política, economía y seguridad internacional, presenta varios análisis orientados a las relaciones geopolíticas, los procesos de integración regional y las estrategias para enfrentar fenómenos complejos, como el crimen organizado y conflictos territoriales. Los trabajos evidencian las tensiones y reconfiguraciones del escenario internacional contemporáneo, destacando la importancia de la inteligencia estratégica y la cooperación entre naciones.

En el eje cultura, arte y comunicación, los estudios abordan manifestaciones culturales y artísticas en sus múltiples expresiones, desde fiestas populares y producciones musicales hasta análisis de la cultura visual y de los medios de comunicación. Las investigaciones destacan el papel del arte y la comunicación en la construcción de identidades, en la circulación de discursos y en la formación de imaginarios sociales, articulando tradición y contemporaneidad en diversos contextos culturales y nutricionales.

El tercer eje, turismo, territorio y patrimonio, reúne investigaciones que exploran la relación entre cultura, identidad y desarrollo territorial, con énfasis en prácticas turísticas y gastronómicas. Los trabajos ponen de relieve el potencial del turismo como motor de valorización cultural y económica, evidenciando la importancia de enfoques sostenibles y sensoriales en la promoción de los territorios.

Por último, el eje salud, sociedad y derechos contemporáneos presenta reflexiones sobre cuestiones sociales urgentes, como el derecho a condiciones dignas de vida, las dinámicas de la salud mental y las experiencias de grupos históricamente marginados. Las contribuciones evidencian las intersecciones entre salud, trabajo, desigualdad y derechos, proponiendo lecturas críticas y contextualizadas de la realidad social.

Al reunir estos diferentes ejes, el Volumen IV reafirma el compromiso con un enfoque interdisciplinario y sensible a las múltiples dimensiones de la experiencia humana. La obra invita al lector a reflexionar sobre los desafíos contemporáneos desde diversas perspectivas, contribuyendo al fortalecimiento del pensamiento crítico y a la construcción de horizontes de investigación cada vez más amplios.

Jesús Rivas Gutiérrez

SUMÁRIO

POLÍTICA, ECONOMIA E SEGURANÇA INTERNACIONAL

CAPÍTULO 1..... 1

LA PUGNA POR LA PREEMINENCIA ENTRE RUSIA Y LA OTAN EN EL ESCENARIO UCRANIANO AL COMIENZO DE LA GUERRA

Javier Fernando Luchetti

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2703269491

CAPÍTULO 2.....17

LA INTELIGENCIA ESTRATÉGICA COMO HERRAMIENTA CONTRA EL CRIMEN ORGANIZADO. UNA REVISIÓN DE LITERATURA

Juan Carlos Pillihuaman Huamani

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2703269492

CAPÍTULO 3..... 41

EL PROCESO DE INTEGRACIÓN MÉXICO / ESTADOS UNIDOS: DINÁMICA DEL TERRITORIO Y EL ESPACIO HACIA LA CONFORMACIÓN DE UNA REGIÓN INTERMEDIA

Miguel Angel Vázquez Ruiz

Carmen O. Bocanegra Gastelum

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2703269493

CULTURA, ARTE E COMUNICAÇÃO

CAPÍTULO 4..... 61

UN SOPLO DE AIRE FRESCO: LA FIESTA GRANDE DE CHIAPA DE CORZO Y LOS PARACHICOS TRAS LA PANDEMIA DE COVID-19

Emiliano Gallaga

María Celia Báez

Berislav Andrić

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2703269494

CAPÍTULO 5..... 81

DITADURA MILITAR, CANÇÕES E SONS NO BRASIL PÓS-1964: O GRUPO DE
TEATRO OPINIÃO EM CENA

Kátia Rodrigues Paranhos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2703269495

CAPÍTULO 6..... 99

STRAVINSKI Y PROKÓFIEV, MÚSICA Y MASCULINIDAD EN EL BALLET RUSO

Laura Elizabeth Espindola Mata

Eduardo Núñez Rojas

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2703269496

CAPÍTULO 7 113

THE VISUAL REGIME OF REVOLUTIONARY PRINT: TYPOGRAPHY AND THE
FORMATION OF VIETNAM'S PUBLIC SPHERE (LATE 19TH CENTURY–1954)

Hyungkuk Ryu

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2703269497

CAPÍTULO 8.....134

REPRESENTACIÓN GRÁFICA DE RIESGOS NUTRICIONALES EN EL PACKAGING: UN
ESTUDIO EUROPA–BRASIL

Noemí Candil Blas

Manuel Montes Vozmediano

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2703269498

TURISMO, TERRITÓRIO E PATRIMÔNIO

CAPÍTULO 9..... 144

A AMÊNDOA COMO ELEMENTO GASTRONÓMICO E IDENTITÁRIO DE POTENCIAL
TURÍSTICO EM TERRITÓRIOS DE BAIXA DENSIDADE: VILA NOVA DE FOZ CÔA E
FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO

Lídia Gonçalves Aguiar

Mónica Lissa Ferreira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2703269499

CAPÍTULO 10.....162

A BEIRA INTERIOR E UM TURISMO SENSORIAL ATRAVÉS DA GASTRONOMIA E VINHOS: O DISTRITO DA GUARDA COMO CASO DE ESTUDO

Lídia Gonçalves Aguiar

 https://doi.org/10.37572/EdArt_27032694910

SAÚDE, SOCIEDADE E DIREITOS CONTEMPORÂNEOS

CAPÍTULO 11.....178

VIDA DIGNA PARA TODOS ¿UN SUEÑO IMPOSIBLE? UNA CONSTRUCCIÓN JURÍDICO-SOCIAL DE SUS ALCANCES Y CONTENIDO EN MÉXICO

Amalia Patricia Cobos Campos

Claudia Patricia González Cobos

Roberto Aude Díaz

César David Hermosillo Saucedo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_27032694911

CAPÍTULO 12 188

PERSPECTIVAS Y NARRATIVAS SOBRE LA SALUD MENTAL ENTRE AFRODESCENDIENTES EN ECUADOR

Patricio Trujillo-Montalvo

Catalina Rivadeneira-Suárez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_27032694912

CAPÍTULO 13..... 198

MOBBING Y TRASTORNO DE ANSIEDAD SOCIAL: SALUD MENTAL, SUBJETIVIDAD Y VIOLENCIA LABORAL EN CONTEXTOS ORGANIZACIONALES

Rocío Fuentes Valdivieso

 https://doi.org/10.37572/EdArt_27032694913

SOBRE O ORGANIZADOR.....208

ÍNDICE REMISSIVO209

CAPÍTULO 1

LA PUGNA POR LA PREEMINENCIA ENTRE RUSIA Y LA OTAN EN EL ESCENARIO UCRANIANO AL COMIENZO DE LA GUERRA

Data de submissão: 18/02/2026

Data de aceite: 03/03/2026

Magister Javier Fernando Luchetti

Facultad de Ciencias Humanas
Universidad Nacional del
Centro de la Provincia de
Buenos Aires

RESUMEN: Por más que la guerra entre la Federación Rusa y la República de Ucrania, sea llamada “una guerra preventiva”, “justa”, u “operación especial”, no deja de ser una guerra en la que se cometen las mismas atrocidades que en otras guerras. La invasión rusa ha sido condenada por Estados Unidos y la Unión Europea que han decidido ayudar a la resistencia ucraniana. Esto no es sino una cuestión geopolítica y económica para llevar al debilitamiento de la Federación Rusa, el principal aliado de China, es decir, el principal oponente de Estados Unidos en lo económico, político y militar a nivel internacional. En occidente se quiere hacer ver que los rusos son los únicos culpables, pero no es más que la consecuencia de la expansión de la OTAN hacia el este, para controlar cerca a los rusos. Ya sean los rusos o los estadounidenses a través de Ucrania, buscan conquistar un espacio para conservar su dominación

sobre esa importante zona de Europa. Las sanciones impuestas a la Federación Rusa no solo perjudican a los rusos –en parte-, sino también a los europeos dependientes del gas y petróleo, aumentando la inflación en Estados Unidos y Europa, lo que los lleva a depender más de EEUU.

PALABRAS CLAVE: Federación Rusa; Ucrania; Estados Unidos; OTAN; guerra.

THE STRUGGLE FOR PREEMINENCE BETWEEN RUSSIA AND NATO IN THE UKRAINIAN SCENARIO AT THE BEGINNING OF THE WAR

ABSTRACT: However much the war between the Russian Federation and the Republic of Ukraine is called a “preventive war,” a “just war,” or a “special operation,” it remains a war in which the same atrocities are committed as in other wars. The Russian invasion has been condemned by the United States and the European Union, which have decided to support the Ukrainian resistance. This is nothing more than a geopolitical and economic maneuver to weaken the Russian Federation, China’s main ally—that is, the United States’ main economic, political, and military opponent on the international stage. In the West, there is a desire to portray the Russians as solely responsible, but this is simply the consequence of NATO’s eastward expansion to keep Russia under close control. Whether it is the Russians or the Americans, acting through Ukraine,

who seek to conquer territory to maintain their dominance over this important region of Europe. The sanctions imposed on the Russian Federation not only harm Russians – in part – but also Europeans dependent on gas and oil, increasing inflation in the United States and Europe, which leads them to depend more on the US.

KEYWORDS: Russian Federation; Ukraine; United States; NATO; war.

1. INTRODUCCIÓN

Para algunos analistas internacionales, la invasión de Vladimir Vladimirovich Putin, presidente de la Federación Rusa a la República de Ucrania presidida por Volodímir Zelenski, el 24 de febrero de 2022, fue algo sorpresivo que indica una nueva era en cuanto a la geopolítica y seguridad mundial. Esta guerra evocaba la Blitzkrieg, o guerra relámpago alemana de la Segunda Guerra Mundial contra la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), cuando se empezaron a divulgar imágenes de columnas de tanques que iban por las carreteras atacando por diferentes frentes.

En febrero, la Federación Rusa atacó Ucrania desde Bielorrusia al norte del país, desde la península de Crimea anexada a Rusia desde el 2014 y desde la propia Rusia en el noreste y este del país. Estas ofensivas estaban destinadas a conquistar Kiev, capital de Ucrania y, Járkov, la segunda ciudad más importante de Ucrania. Sin embargo, esta guerra que se suponía que iba a ser rápida y fácil, con bajo costo de vidas humanas y con un aura de liberación de la población del yugo de los neonazis gubernamentales y de la oligarquía ucraniana, terminó siendo una guerra mucho más lenta y cruenta de lo que creía el Kremlin.

Cabe aclarar que en el 2014, la Federación Rusa anexó a la Península de Crimea, que era parte del territorio de la República de Ucrania. Poco tiempo después, rebeldes pro rusos de las regiones de Donetsk y Lugansk, apoyados por Moscú, iniciaron un levantamiento popular, dando lugar a una guerra civil contra las tropas ucranianas. Cuando llega al poder el presidente ucraniano pro occidental, Volodímir Zelensky, aumentaron los choques entre ambos bandos. En el mes de febrero, antes de la invasión, Putin firma los decretos por los cuales reconoce a las repúblicas de Donetsk y Lugansk ubicadas en el este de Ucrania, como Estados, acusando a Estados Unidos (EEUU) y la Organización del Tratado del Atlántico Norte (OTAN) de expandirse hacia el este de Europa, forzando la adhesión de la República de Ucrania, con lo cual quedaba amenazada la soberanía y la integridad territorial rusa. Unas semanas después, las tropas rusas en misión en una “operación militar especial”, cruzaron la frontera con Ucrania e intentaron conquistar Járkov y Kiev.

Durante la primera semana, el presidente ucraniano ordenó una movilización militar general para defender el territorio ucraniano ante el avance de las tropas rusas desde el norte, el este y el sur. Ante esta situación tanto EEUU como sus aliados de la Unión Europea (UE), anuncian sanciones políticas y económicas (energía, transporte, finanzas) contra la Federación Rusa, y expulsan a bancos rusos del sistema de alta seguridad SWIFT, Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication (Sociedad para las Comunicaciones Interbancarias y Financieras Mundiales). Además, multinacionales de occidente vendieron sus activos en la Federación Rusa y cancelaron cualquier asociación con las firmas de ese país. El alza de los precios provocó un caos en los mercados internacionales de productos alimenticios, minerales, el gas y el petróleo. El presidente ucraniano pidió que la UE admitiera a Ucrania como país miembro. La resistencia ucraniana no hubiese sido posible sin el abastecimiento de armas y suministros por parte de los países occidentales con EEUU a la cabeza, y países de Europa Occidental. Y aquí es donde aparece la OTAN, para proteger a los países de Europa Occidental.

El siguiente trabajo realiza una descripción y análisis sobre los factores que llevaron a la invasión de la Federación Rusa a la República de Ucrania y sus consecuencias económicas y políticas, no solo para el país invadido, sino también para el continente europeo, y el país invasor. En este trabajo se podrá observar que esta invasión no es más que la continuación de las conflictivas relaciones entre ambos países, especialmente, desde la primera década del siglo XXI por cuestiones territoriales y geopolíticas que involucran a la OTAN, a la Federación Rusa y a la República de Ucrania. En ese sentido, como se podrá apreciar, la OTAN se ha expandido hacia el este luego de la disolución de la URSS, a pesar de las advertencias de Putin, porque pretende convertir a Ucrania en un campo de entrenamiento para sus tropas, en un espacio para almacenar distintos tipos de armas que van desde tanques, cañones y aviones hasta misiles y, en un territorio que realice tareas de inteligencia por su cercanía a la Federación Rusa.

2. LA FEDERACIÓN RUSA Y LA REPÚBLICA DE UCRANIA: LA GUERRA

El presidente ruso, Vladimir Putin venía advirtiendo varios meses antes que las potencias occidentales con Estados Unidos a la cabeza debían negociar con él, sobre la expansión que se estaba produciendo desde hacía décadas de la OTAN hacia el este afectando la seguridad rusa. Putin reclamaba que Bruselas, Londres, París y Washington no forzaran a la República de Ucrania a unirse a la OTAN, porque esa unión no constituía ninguna garantía de seguridad para Rusia. Ante esta situación, el 24 de febrero de 2022,

el ejército ruso invadió Ucrania desde el este en dirección a Járkov, desde el norte en dirección a Kiev, la capital ucraniana, y desde la península de Crimea en el sur en dirección a Jerson. Sin embargo, para Sanahuja esta invasión no era algo sorprendente:

En las semanas previas circularon ampliamente imágenes de satélite, muy precisas, y otras informaciones de inteligencia de fuentes abiertas que mostraban un despliegue sin precedentes de fuerzas rusas y sus preparativos para una gran operación militar. Esas informaciones revelaron que en las áreas fronterizas se habían reunido más de 150.000 efectivos y un gran número de blindados y unidades motorizadas, incluso hospitales de guerra de primera línea, y ese imponente despliegue no se limitaba a las zonas ya ocupadas por fuerzas pro-rusas en el Dombás. Por otra parte, Estados Unidos había advertido reiteradamente sobre la inminencia de la invasión, en una inusual estrategia política y diplomática basada, en parte, en dar publicidad a esos hallazgos. También Rusia había anunciado, aunque de manera inconsistente y poco clara, que adoptaría “medidas técnico-militares” contra Ucrania de no aceptarse sus exigencias de garantías de seguridad y sobre la neutralidad de ese país respecto de la Alianza Atlántica (Sanahuja, 2022, 41-42).

Si bien EEUU, ya mencionaba a principios de febrero la posibilidad de una invasión, el gobierno ucraniano no estaban muy de acuerdo con esa afirmación, e inclusive le pidieron a EEUU que bajara el tono de las acusaciones a la Federación Rusa porque perjudicaba las finanzas ucranianas, a lo que se sumaba la falta de credibilidad norteamericana luego de las justificaciones falsas que se utilizaron para invadir Irak. Lo que pedía Putin –que Ucrania fuese neutral-, no era algo fuera de lo normal, siendo que otros países europeos como Suecia, Finlandia, Bosnia, Serbia, Austria o Suiza no pertenecían a la organización, aunque en los dos primeros casos esa situación luego cambiaría. En julio de este año, el Reino de Suecia y la República de Finlandia pidieron formalmente la adhesión a la OTAN por miedo a una invasión rusa.

La incorporación de Ucrania a la OTAN significaría que en su territorio podrían entrar armas biológicas, nucleares y químicas, algo que según Rusia no se justificaría puesto que el Pacto de Varsovia había desaparecido en 1991 con la disolución de la URSS. Lo que pretendía la Federación Rusa era, como segunda potencia militar mundial, no tener misiles apuntando a su territorio desde Ucrania, gracias a la expansión de la OTAN, y a las intenciones militaristas norteamericanas. La Federación Rusa como uno de los actores importantes a nivel internacional, inclusive como un Estado que juega estratégicamente en varios continentes se sintió acorralada y avasallada en sus intereses estratégicos. Los rusos buscaban garantías de la OTAN en el sentido de no expandirse más de lo que lo había hecho, es decir, quería seguridad al viejo estilo geopolítico para sus fronteras. EEUU quiere debilitar la estabilidad interna rusa y evitar la expansión de su influencia sobre Europa. Ucrania, un país que está en el camino del gas que llega de Rusia a Europa, no

era un país cualquiera para el Kremlin, por el contrario ocupa una posición geográfica y estratégica importante:

1. Es el tercer principal exportador de granos, detrás de Estados Unidos y Argentina y los principales destinos de sus exportaciones agrícolas son Rusia, la UE, Medio Oriente y China.
2. Por Ucrania pasa la red de gasoductos heredados de la Unión Soviética, que actualmente se utilizan para trasladar gas desde Rusia hacia la Unión Europea. Desde hace dos años, se encuentra en funcionamiento un gasoducto alternativo, "Nord Stream 2". Ese gasoducto, cuyo trazado es por debajo del Mar Báltico, sale de Rusia e inyecta gas directamente en Alemania, sin intermediarios. Su construcción tuvo como una de sus consecuencias, el debilitamiento de la posición ucraniana frente a Rusia, al no ser intermediario obligado. Rusia utilizó ese trazado alternativo debilitando Ucrania, para atraer nuevamente a ese país a su órbita.
3. Ucrania es una reserva muy importante de Gas Shale, que aún no está siendo explotado. La empresa petrolera y gasífera estadounidense Chevron es la multinacional más implicada. La explotación de ese gas por empresas anglosajonas serviría para abastecer a la UE, debilitar la posición rusa como abastecedor principal, y a su vez sumar una herramienta más a la posición de fuerza estadounidense hacia eventualmente contra la UE.
4. Ucrania aparte de ser un "pivote geopolítico", para Occidente y Rusia es un "Estado tapón" o "Zone Buffer" (Estrada, 2022).

También, otro antecedente que se puede señalar era que la estantería geopolítica de seguridad diseñada durante la Guerra Fría y posteriormente, ha sido dejada de lado, denunciándose varios tratados: Tratado de Misiles Anti-Balísticos (ABM); Tratado sobre Misiles de Alcance Intermedio (INF); Tratado sobre fuerzas convencionales en Europa; Tratado de Reducción de Armas Estratégicas (Nuevo Tratado START); Tratado de Cielos Abiertos. Estos tratados han sido denunciados o abandonados principalmente por EEUU con acusaciones mutuas con la Federación Rusa y la indolencia europea (Sanahuja, 2022).

Por otra parte, el nacionalismo ruso que considera que Ucrania y Rusia son hermanos ha servido como justificación para la invasión. Luego que a principios de siglo Putin estuviera más cercano a las posturas occidentales, al observar que sus dichos y apreciaciones sobre la expansión de la OTAN no habían sido tomados en cuenta, se volcó hacia un nacionalismo ruso, que buscaba crear un hinterland al viejo estilo zarista, negando que Ucrania fuese un Estado independiente, sino un producto histórico hermanado a Rusia. Además, Ucrania ayudó al ser un Estado pos URSS que se caracterizó por su inestabilidad política, la lucha entre las oligarquías regionales, la corrupción, el fraude electoral, las sucesivas crisis económicas y la división política regional que provocó la guerra civil. Otra razón de Putin para invadir Ucrania tenía que ver con la defensa de las dos "repúblicas populares" de la región del Donets, o Donbas en ucraniano o Donbass en ruso o Dombás en castellano, las repúblicas de Donetsk y Lugansk, que a partir de

los acuerdos de Minsk I y Minsk II tendrían autonomía. Sin embargo, la Federación Rusa reconoció a ambas regiones como “Estados Soberanos”, porque nunca le fue concedida la autonomía.

Desde el punto de vista de Putin, la invasión se produjo en base a la Carta de las Naciones Unidas que menciona que se debe ayudar a un país en donde se está produciendo un “genocidio” provocado por el gobierno, como el que estaba sucediendo en los dos “Estados Soberanos”. Según su visión, las medidas tomadas por la Federación Rusa se relacionaban con la falta de decisión política de Ucrania para contener las milicias paramilitares que atacaban dos repúblicas independientes, por lo que ante el incumplimiento de los acuerdos de Minsk, se vio forzada a intervenir.

Asimismo, siguiendo este argumento, antes de la intervención rusa, EEUU y sus países aliados habían comenzado a entregar suficiente cantidad de armamento moderno no solo para rearmar a las fuerzas armadas ucranianas, sino para que tuvieran la capacidad para invadir el Dombás. El ejército junto con los servicios de inteligencia ucranianos entrenados por la Central de Inteligencia Americana (CIA), constituían un riesgo para la población prorrusa del Dombás, por lo que la Federación Rusa a pesar de las advertencias a occidente se vio forzada a intervenir.

Para resumir, en una primera fase los objetivos de Moscú eran derrocar al gobierno neonazi de Kiev (aunque luego ese objetivo quedó a un lado debido a la resistencia ucraniana y las sanciones occidentales), evitar que Ucrania se sume a la OTAN para no tener misiles apuntando cerca de las fronteras, defender a la población prorrusa del Dombás, reconocer por parte de occidente la soberanía rusa sobre la península de Crimea y, finalmente declarar la independencia de las repúblicas de Lugansk y Donetsk, o como sucedió posteriormente llamar a referendos para la anexión lisa y llana de estas regiones a la Federación Rusa.

Sin embargo, la Asamblea General de las Naciones Unidas pensaba diferente al líder ruso, y aprobó en marzo una resolución para la ayuda humanitaria en Ucrania, exigiendo el cese inmediato de las hostilidades por parte de Rusia, suprimiendo todos los ataques contra la población y la infraestructura civil. El texto obtuvo 140 votos a favor, cinco en contra (Bielorrusia, Corea del Norte, Eritrea, Federación Rusa y Siria), y 38 abstenciones. Lo que han pretendido los rusos era conquistar la infraestructura energética ucraniana para estropear su economía y, al mismo tiempo que procura controlar el espacio aéreo ucraniano para evitar la entrada de suministros y armamentos de occidente. Al mismo tiempo, que reforzaba el frente militar, en lo económico cortaba el aprovisionamiento de gas a Polonia, Bulgaria y Finlandia, perjudicando también a otros

países de Europa occidental como Alemania, Francia, Italia y España. Sin embargo, lo que ha demostrado la guerra es la capacidad de adaptación del ejército ucraniano a pelear en inferioridad de condiciones, pero con ataques elásticos en distintos lugares ayudados por el conocimiento del terreno, la información de espías y las imágenes satelitales y drones aportados por EEUU y sus aliados.

En el bando ruso, a la subestimación de la resistencia de las fuerzas amadas ucranianas (“Operación Militar Especial”), se sumó la subestimación del sentimiento nacional ucraniano, junto con la falta de planificación, los problemas de táctica, abastecimiento y logística, y la moral de los soldados que no deseaban pelear contra los ucranianos a pesar de los llamados del Kremlin a luchar contra la “camarillas de oligarcas y neonazis” que manejaban el gobierno de Kiev.

Otro hecho que demuestra la extensión de la geografía bélica, más allá de la zona del Dombás, es que en agosto se atacó un edificio en el cuartel general de la Flota Rusa del Mar Negro en el puerto de Sebastopol, base de la marina de guerra rusa, peleando en un teatro de la guerra que no estaba en los cálculos de la OTAN, pero sí del gobierno ucraniano. Este ataque no significa que los ucranianos recuperen la península, por la amenaza rusa de utilizar armas nucleares en caso que suceda, pero es algo simbólico: sitúa en la mesa de negociaciones, una península anexada por la Federación Rusa hace años y que para el gobierno de Ucrania, es parte del territorio nacional.

Los referendos tienen como misión afianzar un gobierno títere, y convocar a la población para decidir si quieren que la región en la que viven sea anexionada a la Federación Rusa. Estos referendos hacen que al ganar el sí, los territorios sean rusos, por lo que cualquier invasión a territorio ruso será contestada con las armas que se crean convenientes, entre ellas las nucleares. Los referendos han sido condenados por la UE por ilegales.

Y aquí llegamos al uso de las armas nucleares tácticas. La República Popular China (RPC) luego que Putin convocara a los reservistas y amenazara con el uso de armas nucleares, solicitó un alto el fuego, y a su vez favoreció el diálogo político. El portavoz del Ministerio de Exteriores chino, Wang Wenbin, afirmó que se debe respetar la integridad territorial y soberana de los Estados “cumplirse los propósitos y los principios de la Carta de Naciones Unidas, tomarse seriamente en cuenta las legítimas preocupaciones de seguridad de todos los países, y apoyarse todos los esfuerzos tendentes a la resolución pacífica de las crisis” (Télam, 2022, 21 de septiembre).

A finales de septiembre se desarrollaron los referendos en la zona del Dombás en las provincias de Lugansk, Donetsk, Zaporíyia y Jerson, considerados ilegales por los

países occidentales. Putin dando por descontado el triunfo de la opción por la anexión de esas regiones a territorio ruso, señaló que formarían parte de la Federación Rusa, así Moscú podría usar armas nucleares tácticas para defender estas cuatro regiones de la ofensiva ucraniana que busca recuperar los territorios del sur y el este del país. Kiev ha especificado que los ucranianos que han participado en la organización de estas elecciones fraudulentas, serán juzgados como traidores. Haciendo caso omiso a las advertencias de occidente y de Kiev, Putin anunció la anexión de los territorios de Donetsk, Lugansk, Jerson y Zaporíjia, luego que los resultados de los referendos dieran más del 95% de apoyo a la anexión a la Federación Rusa.

En respuesta a la anexión, el presidente ucraniano Zelenski, solicitó oficialmente el ingreso de Ucrania a la OTAN: “Hoy, Ucrania está solicitando que sea *de iure*, en un proceso que sea coherente con nuestro valor de proteger a toda nuestra comunidad, de manera expedita”, es decir, el presidente pide la anexión a la OTAN en función del artículo 5, aunque este proceso sería difícil de llevarlo a cabo dado que el país se encuentra actualmente en guerra. (El Independiente, 2022, 30 de septiembre). EEUU también se opuso a los referendos.

Por otro lado, la guerra híbrida se mantiene a pesar de las amenazas de Putin de utilizar armas nucleares tácticas. Brevemente se puede señalar que la guerra híbrida es utilizada por los Estados mediante tácticas llevadas adelante por Estados o grupos privados para perturbar un país, mediante campañas de desinformación, ataques cibernéticos a estructuras civiles y estatales, sabotajes y fomento de migraciones a través de la manipulación de información por medio de fake news que amplifican diferencias históricas, culturales o sociales entre diferentes grupos o etnias.

Lo que se ha confirmado, es el corte definitivo del gas a Europa, generando preocupación en las industrias de distintos países, especialmente en las pequeñas y medianas empresas alemanas. China e India son los principales compradores de gas ruso, obtenido con descuento otorgado por los rusos, demostrando que el mundo ya no es más unipolar, sino multipolar con el hundimiento europeo y el avance en el desarrollo económico de China e India.

3. ESTADOS UNIDOS Y LA ORGANIZACIÓN DEL TRATADO DEL ATLÁNTICO NORTE

Si en algo estaban de acuerdo ambos partidos en EEUU, demócratas y republicanos, era que el principal enemigo es la RPC, aunque primero había que vencer a Rusia. La economía soviética era más arcaica, con una baja tasa de crecimiento, por lo que EEUU la asfixió económicamente gracias a proyectos como la Iniciativa de

Defensa Estratégica (IDE), o popularmente conocido como Guerra de las Galaxias, que era un programa defensivo con armas espaciales capaces de destruir misiles nucleares estratégicos en el espacio antes que llegaran a territorio norteamericano. En cambio ahora, si bien EEUU lleva la delantera militar, económicamente es más fuerte que Rusia, pero lo es menos que la RPC.

EEUU ayudó a la desintegración de la URSS, y ahora pretende también la de la Federación Rusa, o al menos un cambio de régimen, alejando a Putin del poder y que el nuevo gobierno sea más amistoso con occidente, como lo era en la década de los años noventa con Boris Yeltsin. Y eso a pesar de la intención al principio de la primera gestión de Putin, de entrar a la OTAN, petición denegada, y de la ayuda rusa –aceptación de instalación de bases estadounidenses en países de Asia Central-, que recibió EEUU cuando invadió Afganistán, siendo que ambos países tenían los mismos enemigos (talibanes y Al Qaeda). A pesar de ello, la OTAN siguió expandiéndose hacia el este: en 1999 se unieron Polonia, Hungría, y la República Checa; en el 2004, Estonia, Letonia, Lituania, Bulgaria, Rumania, Eslovaquia, Eslovenia; en el 2009, Albania y Croacia; en el 2017, Montenegro;; en el 2020, Macedonia del Norte. Tras la finalización de la Guerra Fría y la desintegración de la URSS, los EEUU no pensaron que la Federación Rusa sería un país que competiría por la supremacía política y militar mundial. La estrategia norteamericana siguió siendo la de debilitar y cercar a la Federación Rusa a partir de la expansión de la OTAN. La geopolítica norteamericana no previó que Putin como consideró una catástrofe la desaparición de la URSS, haya concebido que Rusia debiera heredar el poder político y militar de la desintegrada URSS.

Las sanciones no solo han dislocado a la economía mundial generando inflación inclusive en los países de la OTAN, sino también un alza de los precios de los minerales, el gas, el petróleo, perjudicando a los países capitalistas y –paradójicamente- beneficiando a los rusos ya que ellos venden gas y petróleo a países europeos y China, si bien en el primer caso han decidido buscar otras fuentes de abastecimiento, como por ejemplo, Argelia y EEUU en el caso del gas natural licuado. La economía rusa ha resistido más de lo que se pensaba y el rublo que se devaluó al principio del conflicto ha remontado, y quienes sufren las consecuencias de las sanciones son los europeos que observan como aumenta el precio de materias primas y energéticos. También el desabastecimiento afectará no solo a los europeos en transporte o actividades productivas, sino también a países africanos tradicionalmente dependientes de la importación de alimentos. Por lo tanto, la Comisión Europea (CE), ha definido que Europa tiene que ser independiente del gas y el petróleo ruso, determinando un plan de contingencia con tres aspectos principales para desarrollar:

primero, contener los precios de la energía, con precios regulados, impuestos temporales sobre los beneficios “caídos del cielo” de las empresas eléctricas, que financiarán ayudas a los hogares y las pequeñas empresas, y un marco temporal de ayudas a las empresas más afectadas. El segundo es el aumento de las reservas de gas para hacer frente al invierno 2022-2023. El tercero es acelerar la transición energética incrementando la inversión en energías renovables, biogás e hidrógeno verde, mantener temporalmente carbón o energía nuclear, y diversificar las compras de gas en otros países, como Qatar, Egipto, Argelia o, sobre todo, Estados Unidos. Ello supone cambios notables en la geopolítica de la energía y dilemas difíciles de sortear: mientras se avanza en un modelo más autónomo, basado en renovables, la desconexión del gas ruso supone mayor dependencia de Estados Unidos, con gas natural licuado procedente de explotaciones de fracking, más contaminante, así como de proveedores externos con dudosas credenciales democráticas (Sanahuja, 2022, 61).

China se encontró en una encrucijada: no apoya abiertamente a Moscú por la invasión porque tiene un mercado muy importante en EEUU, pero tampoco va a encontrarse del lado de EEUU, sabiendo que la OTAN ya está pensando en intervenir en la zona de influencia china, especialmente en Taiwán. Si China apoyaba a Rusia se exponía a sanciones norteamericanas y europeas que dañarían, aunque no severamente, su economía, pero tampoco podía condenar la invasión rusa por ser la Federación Rusa, uno de sus proveedores de gas, petróleo y armamentos, por eso tampoco ocupó un rol intermediador en el tema ucraniano.

En el nuevo concepto estratégico de la OTAN, se abarca temas que van más allá de una alianza de tipo militar, como la gestión de crisis, la seguridad colectiva y la defensa. A estas cuestiones se le agregan otros temas estratégicos a los que la OTAN debe dar respuesta en cualquier momento y en cualquier lugar del mundo, como el cambio climático:

El Concepto Estratégico es un documento clave para la Alianza. Reafirma los valores y el propósito de la OTAN y proporciona una evaluación colectiva del entorno de seguridad. También impulsa la adaptación estratégica de la OTAN y guía su futuro desarrollo político y militar.

El Concepto Estratégico se revisa y actualiza periódicamente. Desde el final de la Guerra Fría, se ha actualizado aproximadamente cada 10 años para tener en cuenta los cambios en el entorno de seguridad mundial y garantizar que la Alianza esté preparada para el futuro.

El Concepto Estratégico anterior se adoptó en la Cumbre de Lisboa de la OTAN en 2010. El nuevo Concepto Estratégico describe la nueva realidad de seguridad a la que se enfrenta la Alianza, reafirma los valores de la OTAN y explica en detalle el propósito clave de la OTAN de garantizar la defensa colectiva de los Aliados (OTAN 2022 Concepto Estratégico).

Los armamentos que provenían de occidente empezaron a llegar en mayor cantidad, por lo que los ucranianos se prepararon para la ofensiva, mientras que el objetivo de Putin a esa altura era lograr una continuidad territorial entre el Dombás y la península de Crimea, para poder controlar desde allí todo el Mar Negro.

EEUU ha confiscado la mitad de las reservas rusas en el extranjero, por lo que los precios de las materias primas agrarias, combustibles y otros insumos han aumentado, perjudicando la economía de los países del mundo especialmente los más pobres que dependen de importaciones de alimentos. Bancos rusos como el Vnesheconombank, banco de desarrollo regional, y el Promsvyazbank, que tiene contactos con el sector de defensa ruso, fueron excluidos del sistema financiero mundial. Asimismo, las sanciones económicas alcanzaron a Bielorrusia, país aliado al Kremlin desde donde también salieron tropas para Ucrania.

Más allá de la resistencia nacional por el derecho a la autodeterminación, y la gente que desea unirse a las Fuerzas Armadas ucranianas, aunque sea como fuerza de reserva, lo que está demostrando esta guerra, es el retorno de la vieja alianza de la Guerra Fría contra la Federación Rusa –heredera de la URSS-, con el papel principal de EEUU y secundario de los países europeos –Francia, Reino Unido de Gran Bretaña e Irlanda del Norte-, a partir del manejo de la OTAN, invocando el Tratado del Atlántico Norte:

Las Partes acuerdan que un ataque armado contra una o más de ellas, que tenga lugar en Europa o en América del Norte, ser considerado como un ataque dirigido contra todas ellas, y en consecuencia, acuerdan que si tal ataque se produce, cada una de ellas, en ejercicio del derecho de legítima defensa individual o colectiva reconocido por el artículo 51 de la Carta de las Naciones Unidas, ayudar a la Parte o Partes atacadas, adoptando seguidamente, de forma individual y de acuerdo con las otras Partes, las medidas que juzgue necesarias, incluso el empleo de la fuerza armada, para restablecer la seguridad en la zona del Atlántico Norte. Cualquier ataque armado de esta naturaleza y todas las medidas adoptadas en consecuencia serán inmediatamente puestas en conocimiento del Consejo de Seguridad. Estas medidas cesarán cuando el Consejo de Seguridad haya tomado las disposiciones necesarias para restablecer y mantener la paz y la seguridad internacionales (Tratado del Atlántico Norte, 1949, artículo 5).

La Alianza se reunió en junio en Madrid para desarrollar el nuevo concepto estratégico, apelando justamente al compromiso con lo escrito en el artículo 5: “1. NATO is determined to safeguard the freedom and security of Allies. Its key purpose and greatest responsibility is to ensure our collective defence, against all threats, from all directions. We are a defensive Alliance” (NATO/OTAN, 2022). Este compromiso es reafirmado en otros artículos:

3. NATO is the unique, essential and indispensable transatlantic forum to consult, coordinate and act on all matters related to our individual and collective security. We will strengthen our Alliance based on our indivisible security, solidarity, and ironclad commitment to defend each other, as enshrined in Article 5 of the North Atlantic Treaty. Our ability to deter and defend is the backbone of that commitment.
4. NATO will continue to fulfil three core tasks: deterrence and defence; crisis prevention and management; and cooperative security. These are

EEUU y sus aliados han desarrollado luego de la Segunda Guerra Mundial, un sistema para asegurarse la dominación de países para beneficio propio, usufructuando las materias primas, minerales y energéticos. Terminada la Guerra Fría, continúa sin embargo, la geopolítica de dominación, con otra tecnología, pero con los mismos objetivos, y en este caso casi contra el mismo enemigo, aunque ya no se llame URSS, sino Federación Rusa, su heredera. La Federación Rusa es para la OTAN, una amenaza para la paz, porque pretende mediante la coacción y la anexión establecer con medios convencionales, cibernéticos e híbridos, una zona de influencia y control directo, desestabilizando países de Europa del Este y del Sur: “Moscow’s military build-up, including in the Baltic, Black and Mediterranean Sea regions, along with its military integration with Belarus, challenge our security and interests” (ibidem, artículo 8).

Era obvio que la Cumbre de Madrid era anti rusa por la invasión a Ucrania, pero lo que apareció en la declaración final tomó a algunos por sorpresa y es la crítica a otro actor importante a nivel internacional que también se ha convertido en el enemigo de la OTAN: la República Popular China, nombrada por primera vez en un documento de la OTAN, en donde se observa con cuidado la alianza entre ellos y los rusos. Cuatro países de Asia y Oceanía, Australia, Corea del Sur, Japón y Nueva Zelanda, concurrieron por primera vez a una cumbre de la OTAN.

China había comenzado a reducir su dependencia del mercado estadounidense a través de mayores ventas de sus productos a la UE, a Rusia y gracias al desarrollo de su mercado interno, en donde cientos de millones de chinos constituyen una floreciente clase media ávida de productos. Cabe aclarar que EEUU, Japón, India y Australia conforman el Diálogo Cuadrilateral de Seguridad (QUAD), alianza militar estratégica de seguridad que rodea como un anillo a la RPC:

13. The People’s Republic of China’s (PRC) stated ambitions and coercive policies challenge our interests, security and values. The PRC employs a broad range of political, economic and military tools to increase its global footprint and project power, while remaining opaque about its strategy, intentions and military build-up. The PRC’s malicious hybrid and cyber operations and its confrontational rhetoric and disinformation target Allies and harm Alliance security. The PRC seeks to control key technological and industrial sectors, critical infrastructure, and strategic materials and supply chains. It uses its economic leverage to create strategic dependencies and enhance its influence. It strives to subvert the rules-based international order, including in the space, cyber and maritime domains. The deepening strategic partnership between the People’s Republic of China and the Russian Federation and their mutually reinforcing attempts to undercut the rules-based international order run counter to our values and interests” (ibidem, artículo 13).

EEUU sigue siendo el principal sostén militar de la alianza, a pesar de la decadencia económica, y también a pesar de semejante contradicción, porque si bien sigue ejerciendo un rol dominante en la coalición, los otros países fuertes como el Reino Unido de Gran Bretaña e Irlanda del Norte y Francia, son considerados secundarios aunque importantes (artículo 29).

4. CONCLUSIONES

La República de Ucrania ha sido utilizada por las potencias occidentales para frenar la postura anti unipolar de la Federación Rusa, que ha buscado un mundo multipolar. Para que la predominancia de occidente no se altere, EEUU y los países aliados han emprendido la lucha contra los rusos, pero a través de Ucrania, coordinando y cooperando a nivel militar, diplomático, político y económico. La prepotencia de la OTAN ha llevado a la intervención rusa mediante una “Operación Militar Especial”, que llevaría en el corto plazo a la conquista del país. Esto no fue así, porque la guerra se prolongó más de lo estipulado. Las empresas multinacionales occidentales retiraron sus inversiones de la Federación Rusa, ya que la idea es que tanto la Federación Rusa como en forma colateral, la República Popular China no cuestionen el accionar del mundo unipolar.

La estrategia llevada adelante por EEUU y sus aliados en los distintos campos mencionados anteriormente, supone por un lado el desenganche europeo del gas ruso, pero, por otro lado, la dependencia en parte, del gas natural licuado de EEUU. Es decir, por participar militarmente de la defensa de Ucrania, para Europa, esta guerra significa un cambio estratégico mayor que para EEUU, puesto que estamos hablando de un cambio en las relaciones exteriores, en las fuentes de abastecimiento de energía, y las exportaciones e importaciones con diferentes países, regiones y mecanismos de integración.

La política exterior estadounidense que pretende el ingreso de Ucrania a la OTAN ha llevado a que Putin intervenga militarmente en una invasión en la que creía que sería recibido como un libertador y se encontró con una enconada resistencia nacionalista, a pesar de llamar neonazis a los gobernantes ucranianos. La invasión no ha hecho más que galvanizar la resistencia en torno al gobierno más allá de las diferencias políticas y de alguna milicia pro nazi como el batallón Azov.

La guerra ruso-ucraniana muestra no sólo la crisis del “fin de la historia”, sino también la finalización de la tarea de construcción de un mundo a imagen y semejanza de EEUU, junto con la crisis geopolítica y económica de EEUU, la OTAN y la UE, ante la competencia de otros actores como China o Irán. Por más bases que tenga en todo el mundo con sus aliados, EEUU se encuentra en declive y pelea guerras que no puede ganar, como sucedió en Irak o Afganistán, ni siquiera con la ayuda de países aliados.

La OTAN y EEUU saben que si bien ahora el adversario es la Federación Rusa, en realidad, es un ataque al flanco, al aliado de la RPC. Tanto en el caso de la Federación Rusa como en el de China, EEUU pretende de máxima un cambio de régimen, derrocando a los actuales gobernantes y cambiándolos por dirigentes más proclives a la negociación con las potencias occidentales. El mensaje de EEUU ha sido claro: debilitar a Putin, y mandar un mensaje a China, sobre lo que puede suceder si pasa a la ofensiva por ejemplo en Taiwán.

El resultado de la guerra llevará bastante tiempo. Es probable que en el caso que gane Rusia, lo que pretenda es no dejar mucha cantidad de tropas en el terreno para no arriesgarse a una guerrilla urbana que lo lleve a abandonar el país como le ocurrió a la URSS en Afganistán o a EEUU en Irak. El accionar ruso pretende no incurrir en una larga campaña de desgaste, pero tampoco en una corta que lo lleve al desastre. En ambos casos lo que quiere es imponer condiciones en una mesa de negociaciones para que sea reconocida la anexión de la península de Crimea y la independencia de las repúblicas de Donetsk y Lugansk.

En cualquier caso Putin ha errado en el cálculo, en cuanto a la reacción ucraniana, norteamericana y europea. Europa y EEUU no han permitido la anexión de Ucrania y si bien los europeos son los que sufren las consecuencias económicas de las sanciones, por el corte del suministro de gas ruso, y por el aumento del precio del petróleo que importan, han demostrado que presentan batalla, aun cuando sean actores secundarios frente al poderío estadounidense.

Sin embargo, la Federación Rusa, a pesar de las sanciones ha recuperado el nivel de las reservas gracias al aumento del precio del petróleo y del gas, energéticos que exporta en cantidad. A pesar de este éxito, la escalada militar gracias al armamento de última generación, estadounidense y de sus aliados, ha hecho que los ucranianos pasen a la ofensiva en el Dombás. Lo que parecía que se convertiría en una guerra defensiva por parte de ambos bandos, se ha transformado por el momento, en una escalada del conflicto debido a la contraofensiva ucraniana, en zonas ocupadas por los rusos que se han visto forzados a retirarse, dejando atrás tanques, cañones y pertrechos.

En definitiva, la respuesta rusa a la expansión de la OTAN hacia el este, tienen que ver con la seguridad. Y desde el punto de vista de EEUU, la invasión es considerada como un ataque al orden internacional, y a la supremacía estadounidense en el continente europeo, por eso es que interviene en Ucrania, para atacar a una potencia invasora que quiere recuperar el rol geopolítico a nivel regional y mundial como lo tenía en la época de la URSS. Claro está que en el medio se encuentran los países europeos y Ucrania, los

primeros sufriendo por el alza de precios de materias primas que importan, y la república ucraniana, soportando la destrucción de la infraestructura y padeciendo los muertos, heridos y desaparecidos. Esto hace que la guerra tenga un final incierto.

BIBLIOGRAFÍA

Carmody, Patricio. (2022). Reacciones en Europa, América y Asia ante la guerra ruso-ucraniana. RIPEA Revista de Investigación en Política Exterior Argentina. Buenos Aires. Volumen 2, enero-agosto, pp. 7-24. Recuperado de https://politicaexteriorargentina.org/wp-content/uploads/2022/08/Carmody_Reacciones-en-Europa-America-y-Asia-ante-la-guerra-ruso-ucraniana.pdf

Clarín. (2022). Alemania desafía la extorsión rusa del gas con plantas nucleares y de carbón. 11 de septiembre. Buenos Aires.

El Independiente. (2022). Ucrania pide formalmente entrar en la OTAN como respuesta a la anexión de Putin. Madrid. 30 de septiembre. Recuperado de <https://www.elindependiente.com/internacional/2022/09/30/ucrania-pide-formalmente-entrar-en-la-otan-como-respuesta-a-la-anexion-de-putin/>

Estrada, Jonás. (2022). El conflicto entre EEUU-OTAN contra Rusia por el factor de Ucrania visto en clave geopolítica. Portal de información y análisis "GEOPOLÍTICA". Marzo. Recuperado de <https://www.geopolitika.ru/es/article/el-conflicto-entre-eeuu-otan-contra-rusia-por-el-factor-de-ucrania-visto-en-clave> https://as.com/diarioas/2022/03/02/actualidad/1646224245_994949.html <https://cnnespanol.cnn.com/2022/08/24/por-que-rusia-ucrania-guerra-invasion-motivos-orix/> <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-60481414> <https://www.laizquierdadiario.com/La-guerra-en-Ucrania-y-el-arma-economica-de-EE-UU-y-la-UE-danos-colaterales-y-riesgos-estrategicos> <https://www.nato.int/> <https://www.rtve.es/noticias/20220224/cronologia-entender-crisis-rusia-ucrania/2270961.shtml>

Infobae. (2022). Putin vuelve a jugar la carta nuclear y llama a falsos referendos para anexionar cuatro provincias de Ucrania. Buenos Aires. 21 de septiembre. Recuperado de <https://www.infobae.com/america/mundo/2022/09/21/putin-vuelve-a-jugar-la-carta-nuclear-y-llama-a-falsos-referendos-para-anexionar-cuatro-provincias-de-ucrania/>

Infobae. (2022). Vladimir Putin anunció la anexión de las regiones ucranianas de Donetsk, Luhansk, Kherson y Zaporizhzhia. Buenos Aires. 30 de septiembre. Recuperado de <https://www.infobae.com/america/mundo/2022/09/30/vladimir-putin-anuncio-la-anexion-de-las-regiones-ucranianas-donetsk-luhansk-kherson-y-zaporizhzhia/>

Infobae. (2022). Vladimir Putin volvió a amenazar a Occidente con el uso de armas nucleares: "No es un bluff". 21 de septiembre. Buenos Aires. Recuperado de <https://www.infobae.com/america/mundo/2022/09/21/vladimir-putin-volvio-a-amenazar-a-occidente-con-el-uso-de-armas-nucleares-no-es-un-bluf/>

La Voz. (2022). La Unión Europea condenó los referéndums ilegales de Rusia en Ucrania. 20 de septiembre. Recuperado de <https://www.lavoz.com.ar/mundo/la-union-europea-condeno-los-referendum-ilegales-de-rusia-en-ucrania/>

Luchetti, Javier. (2022). El papel de la Federación Rusa y Estados Unidos en la guerra ruso-ucraniana. 2º Congreso Regional de Relaciones Internacionales "(Re) Pensar las Relaciones Internacionales en un mundo en transformación". Tandil. 28, 29 y 30 de Septiembre.

Naciones Unidas. (2022). Ucrania: La Asamblea General adopta una resolución humanitaria que exige a Rusia el cese inmediato de hostilidades. New York. 24 de marzo. Recuperado de <https://news.un.org/es/story/2022/03/1506132#:~:text=La%20resoluci%C3%B3n%20adoptada%20obtuvo%20la%20poblaci%C3%B3n%20o%20infraestructura%20civiles>

NATO/OTAN. (2022). NATO Concepto Estratégico. Madrid. Junio. Recuperado de <https://elpais.com/descargables/2022/07/01/22f46368d04e40936c9ba9f4b9be63b9.pdf>

NATO/OTAN. (2022). NATO 2022 STRATEGIC CONCEPT. Recuperado de <https://www.nato.int/strategic-concept/>

Puig, Laura. (2022). Las amenazas híbridas, un arma cada vez más potente. El periódico de Catalunya. Barcelona. 20 de septiembre. Recuperado de <https://www.elperiodico.com/es/internacional/20220920/amenazas-hibridas-arma-cada-vez-mas-potente-75671705>

Rial, Juan. (2022). La OTAN aumenta su volumen y tensa sus músculos en Madrid. La Plata. Instituto de Relaciones Internacionales, Departamento de Seguridad y Defensa, Boletín N° 48 Seguridad Internacional y Defensa, mayo-junio. Recuperado de http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/141039/Documento_completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Sanahuja, José. (2022). Guerras del interregno: la invasión rusa de Ucrania y el cambio de época europeo y global. Anuario CEIPAZ 2021-2022 Cambio de época y coyuntura crítica en la sociedad global. Madrid. Centro de Educación e Investigación para la paz, pp. 41-71. Recuperado de <https://ceipaz.org/wp-content/uploads/2022/07/3.JoseAntonioSanahuja.pdf>

Télam. (2022). China pidió lograr “a través del diálogo” un alto el fuego en la guerra de Ucrania. Buenos Aires. 21 de septiembre. Recuperado de <https://www.telam.com.ar/notas/202209/605526-china-alto-fuego-guerra-ucrania.html>

Tratado del Atlántico Norte. (1949). Washington. 4 de abril. Recuperado de https://www.iri.edu.ar/publicaciones_iri/manual/Ultima-Tanda/OTAN/Tratado%20del%20Atl%E1ntico%20Norte.pdf

Zamora, Augusto. (2022). La multipolaridad contra el Imperialismo y la izquierda extraviada. Buenos Aires. Abril. Recuperado de <http://www.gracus.com.ar/2022/04/27/la-multipolaridad-contra-el-imperialismo-y-la-izquierda-extraviada/>

SOBRE O ORGANIZADOR

Jesús Rivas Gutiérrez: Pregrado: Licenciatura en Odontología, egresado de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Diplomado en Investigación Educativa en la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAZ). Especialidad: Docencia Superior por la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAZ). Posgrado: Maestría en Ciencias de la Educación por la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAZ). Posgrado: Doctor en Ciencias de la Educación por la Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca (UABJO). Docente de base de tiempo completo por más de 35 años en la Universidad Autónoma de Zacatecas en la Unidad Académica de Odontología y la Unidad Académica de Docencia Superior (UAO/UAZ – UADS/UAZ). Docente invitado en la Maestría en Docencia e Investigación Jurídica de la Unidad Académica de Derecho de la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAD/UAZ). Docente invitado en el Doctorado de Farmacología de la Unidad Académica de Medicina Humana de la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAMH/UAZ). Ponente en eventos académicos locales, regionales, nacionales e internacionales con temáticas sobre odontología, educación, enseñanza-aprendizaje, práctica docente, medio ambiente, sustentabilidad, representaciones sociales, evaluaciones y reestructuraciones curriculares entre otros temas. Autor de diversos libros, capítulos de libro y artículos en revistas nacionales e internacionales sobre odontología, educación, enseñanza-aprendizaje, práctica docente, medio ambiente, sustentabilidad, representaciones sociales, evaluaciones y reestructuraciones curriculares entre otros temas. Director de la Unidad Académica de Odontología de la Universidad Autónoma de Zacatecas, periodo 2008-2012. Responsable Académico de la Licenciatura de Médico Cirujano Dentista de la Unidad Académica de Odontología de la Universidad Autónoma de Zacatecas, periodo 2004-2008. Coordinador de Acreditaciones de la Unidad Académica de Odontología de la Universidad Autónoma de Zacatecas, periodo 2016-2021.

<https://orcid.org/0000-0001-7223-4437>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acoso laboral 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206

Amêndoa 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 168, 172, 174

B

Baixa densidade 144, 146, 147, 157, 160, 161, 168, 169, 170

Ballet ruso 99, 100, 101, 102, 103, 109

Beira Interior 144, 145, 160, 162, 163, 164, 167, 168, 172, 173, 177

C

Chiapa de Corzo 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80

Crimen organizado 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

D

Derechos humanos 19, 26, 29, 31, 36, 37, 58, 178, 180, 181, 182, 183, 186, 187

Dignidad 178, 179, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 199, 205

Dignidad humana 178, 179, 181, 182, 183

Diseño gráfico 134, 136, 143

Distrito da Guarda 144, 145, 162, 163, 164

E

Encenação 81, 86, 88, 92, 94

Estados Unidos 1, 2, 3, 4, 5, 8, 10, 15, 26, 27, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 100, 102, 183

Etiquetado frontal 134, 135, 136, 137, 139

Etnografía 188

F

Federación Rusa 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15

G

Gastronomia 71, 144, 145, 146, 149, 151, 153, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 169, 172, 173, 175, 176, 177

Gestão estratégica 17

Grid systems 113, 114, 118, 119, 129, 132, 133

Grupo de Teatro Opinião 81, 85

Guerra 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 30, 34, 37, 90, 91, 97, 99, 110, 175

I

Identidad 61, 66, 143, 194, 199

Identidade 144, 146, 149, 153, 165, 166, 167, 169, 174, 175, 176

Integración profunda 41, 42, 43, 45, 46

Inteligencia estratégica 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 36, 38

Interculturalidad 188, 189, 196, 197

M

Mobbing 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207

Multidimensional 18, 24, 27, 29, 34, 38, 41, 42, 43, 180, 184, 186, 187, 196

N

Narrativas 69, 70, 82, 100, 101, 188, 190, 192, 203

Nutri-Score 134, 135, 136, 138, 139, 141, 142, 143

O

OTAN 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16

P

Packaging alimentario 134

Parachicos 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79

Patrimônio cultural 61, 62, 64, 66, 68, 69, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 149, 157, 158, 166, 167, 176, 177

Patrimónios alimentares 144, 161, 163, 176

Petrushka 99, 101, 102, 103, 104, 105, 110

Prevención del delito 17, 29

Prokofiev 99, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 109, 110, 112

Q

Quintas vinicas 163

R

Región intermedia 41, 43, 45, 48, 49, 51, 58
Restauração 90, 156, 162, 163, 168, 174, 175
Revolutionary typography 113, 116, 119, 122, 132
Romeo y Julieta 99, 101, 102, 106, 107, 109, 110

S

Salud mental 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 203, 205, 206, 207
Seguridad nacional 17, 20, 23, 36
Sons 81
Stravinski 99, 100, 101, 102, 103, 104, 111, 112
Subjetividad 198, 200, 201, 203, 204, 205, 206

T

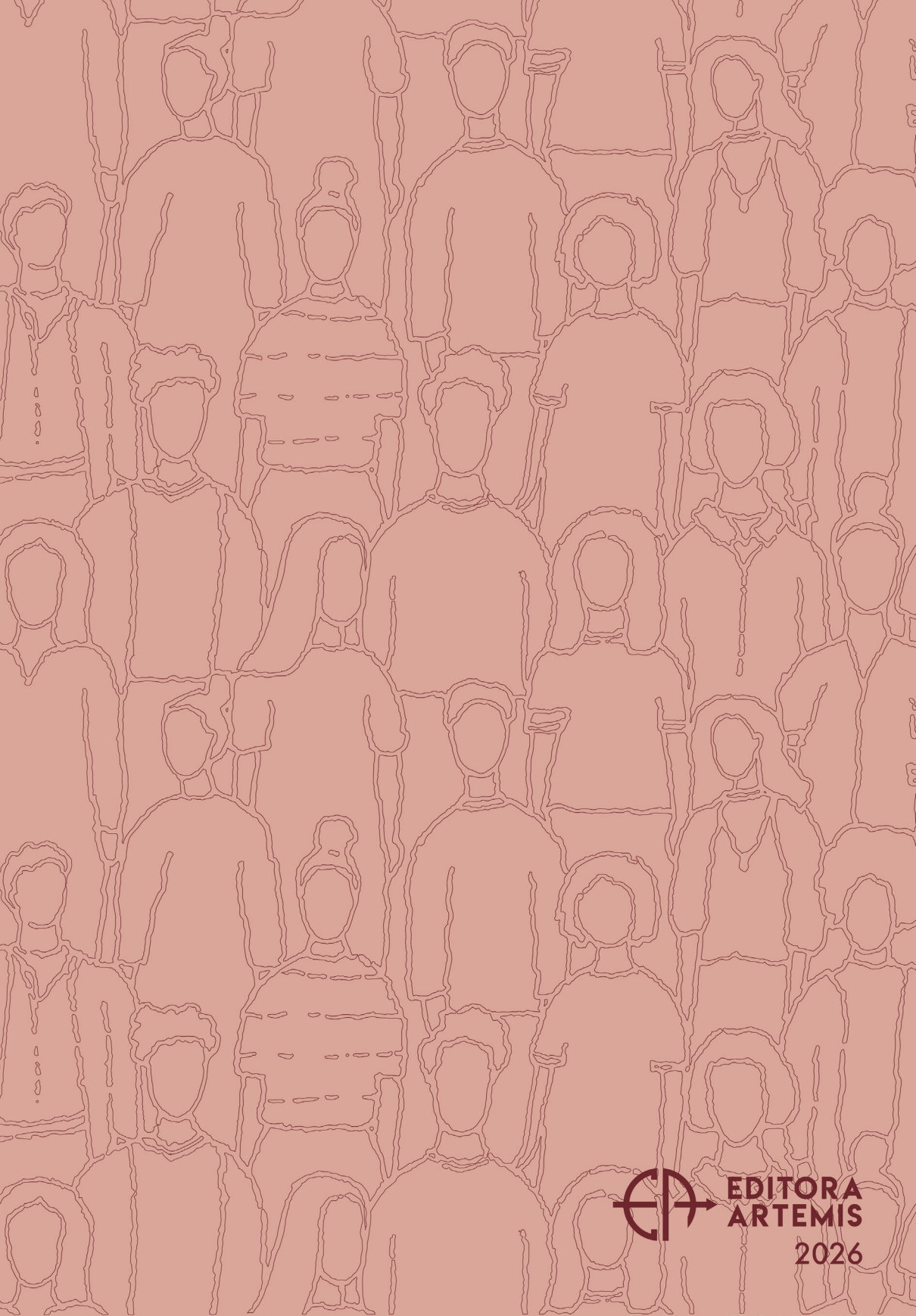
Tambores 188, 194
TLCAN 41, 42, 44, 45, 46, 56, 58, 59, 60
TLCAN/T - MEC 41
T-MEC 41, 42, 44, 45, 46, 47, 56, 60
Trastorno de ansiedad 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205
Turismo 52, 56, 61, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 76, 78, 79, 80, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177
Typographic public sphere 113, 114

U

Ucrania 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 16

V

Vida digna 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187
Vietnamese revolutionary journalism 113, 114
Visual regime 113, 114, 123, 132



**EDITORIA
ARTEMIS**
2026